

**“GANHAR PESO PROVOCA ALUCINAÇÕES”:
ANALISANDO DISCURSIVAMENTE A ESCRITA DE ADOLESCENTES SOBRE AS
RELAÇÕES ENTRE CORPO, MÍDIA E SOCIEDADE**

(“Gain weight causes hallucinations”: analyzing discursively adolescents’ writing about the relationships between body, media and society)

Rubens Prawucki¹

(Instituto Federal Catarinense/IFC – Rio do Sul)

ABSTRACT

The objective of this article is to analyse, through theoretical and methodological principles of French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 2002), how the construction of meanings about the relationship between body, media and society happens in the writing of adolescent high school students. What motivated the writing of these adolescents was an advertising that explores the body cult taken from contemporary Brazilian media. The analyses show that the mechanisms for the production of meanings about body issues in the writing of the adolescents generate many times contradictory meaning effects due to the social, historical and ideological contexts also be determined by contradictions.

Key-words: *French Discourse Analysis; Adolescents; Body; Media; Society.*

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, através dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 2002), como se dá a construção de sentidos sobre as relações entre corpo, mídia e sociedade na escrita de adolescentes estudantes do ensino médio. O que motivou a escrita desses adolescentes foi uma peça publicitária que explora o culto ao corpo, extraída da mídia brasileira contemporânea. As análises mostram que os mecanismos para a produção de sentidos sobre a questão do corpo na escrita dos adolescentes geram efeitos de sentidos muitas vezes contraditórios, resultado dos contextos social, histórico e ideológico também serem marcados por contradições.

Palavras-chave: *Análise de Discurso Francesa; Adolescentes; Corpo; Mídia; Sociedade.*

Introdução

O propósito deste artigo é analisar, através dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 2002), como se dá a construção de sentidos sobre as relações entre corpo, mídia e sociedade na escrita tecida por quatro sujeitos adolescentes estudantes do ensino médio de Joinville/SC. Essa escrita foi motivada por uma peça publicitária (ver anexo) que explora o corpo, extraída da mídia brasileira contemporânea

¹ Professor de Inglês e Português no Instituto Federal Catarinense/IFC – Rio do Sul. Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2011).

(REVISTA UMA, 2006). A coleta foi realizada em agosto de 2008 a partir da seguinte questão entregue aos quatro adolescentes: “Propagandas provocam diferentes interpretações em seus/suas leitores/as. Quais as primeiras interpretações que lhe ocorrem como leitor/a da propaganda em anexo, extraída da Revista Uma (nº 72/2006)?”. Os quatro adolescentes sujeitos desta pesquisa participavam, semanalmente, de uma oficina de produção de textos, no período contrário ao que estudavam como alunos regulares.

Falar em construção de sentidos neste artigo, remete à investigação dos diferentes mecanismos de produção desses sentidos, os quais estão diretamente relacionados às contradições construídas histórica e ideologicamente na sociedade. Logo, analiso como essas contradições materializam-se na escrita desses adolescentes, fazendo dessa escrita uma espessura material opaca, marcada muitas vezes por diferentes deslizamentos de sentidos, lapsos, equívocos e ambiguidades. É importante mencionar que os aspectos acima são analisados como constitutivos da linguagem, uma vez que para a Análise de Discurso Francesa, o registro do real [falta] se incorpora nos registros do simbólico [linguagem] e do imaginário [ideal], fazendo falhar a vontade de unidade e de transparência dos sujeitos na linguagem. De acordo com Leandro Ferreira (2005), o real relaciona-se diretamente à falta que é constitutiva do sujeito, falta essa que move o seu desejo, sendo em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura. Ainda segundo Leandro Ferreira (2004), o conceito de inconsciente remete a um estranho que nos é familiar, ou seja, um estranho que provém de algo familiar que foi reprimido e que insiste em retornar. Esse retorno revela-se na língua através de diferentes faltas e falhas, indicando que ambos, sujeito e língua, são marcados pela incompletude. Sendo assim, neste estudo promovo uma escuta discursiva de como o desejo de completude na linguagem dos sujeitos adolescentes falha, fazendo com que a escrita seja marcada por cicatrizes [ambiguidades, deslizamentos de sentidos, lapsos e equívocos] (RICKES, 2002) reveladoras do movimento das estruturas inconscientes desses sujeitos.

Tendo em mente as questões acima levantadas, as seguintes perguntas foram estabelecidas para nortear esta pesquisa:

- Como os adolescentes constroem, na escrita, seus gestos de interpretação, quando são abordadas questões sobre o corpo em uma peça publicitária?
- Como os registros psíquicos desses adolescentes – real, simbólico e imaginário – juntamente com o cruzamento entre interdiscurso – ‘o já dito’ e o intradiscurso – ‘o

que está se dizendo’, fazem revelar, na escrita, diferentes efeitos de sentido sobre questões de corpo, mídia e sociedade? Que efeitos de sentido são esses?

Vejo este estudo como pedagogicamente relevante ao propor um olhar interventivo para as questões de leitura e de escrita em sala de aula a partir de uma perspectiva discursiva, uma vez que tal perspectiva concebe as práticas de leitura e de escrita como processos de produção de sentidos, isto é, como constantes gestos de interpretação do sujeito que lê e escreve.

1. A análise de discurso francesa e seu olhar para a linguagem

A noção de linguagem que permeia este artigo remete às discussões desenvolvidas pela Escola Francesa de Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1969). Falar em linguagem nessa perspectiva implica olhar profundamente para as muitas maneiras de significar. Aqui, o discurso é o foco desse olhar uma vez que olhando para o discurso, percebem-se os sentidos movimentando-se entre sujeitos. Daí, decorre o conceito de discurso como sendo “efeitos de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1969). E é a língua que segundo Orlandi (1996) “constitui o lugar material em que se realizam esses efeitos de sentido (p. 146-147), ou seja, é na materialidade linguística/língua que se dá a relação dos sujeitos com os sentidos, lugar esse que passa, para o analista, a se configurar como seu objeto de análise enquanto materialidade discursiva/discurso.

Falar em materialidade da língua implica recorrer a Pêcheux (1988, p. 91) quando afirma que “não se trata de negar a língua como um sistema de signos linguísticos, mas de compreendê-la como base material para que o discurso ocorra”. Logo, procuro tomar a escrita dos sujeitos adolescentes como um rico observatório de discursos envolvendo questões de corpo, mídia e sociedade a partir do imbricamento entre língua-sujeito-ideologia – ‘discursividade’ – e a base material escrita desses sujeitos – ‘materialidade’, ou seja, meu objetivo é analisar a construção da discursividade na materialidade escrita dos adolescentes. Sendo assim, a Análise de Discurso Francesa é afetada por três eixos principais: um eixo da língua que se relaciona com o equívoco, elemento revelador da língua enquanto lugar de resistência, compatível com a natureza instável, heterogênea, contraditória e não fechada dessa língua. Um eixo do sujeito que é marcado pela sua relação tanto com o inconsciente psicanalítico quanto com a ideologia, sendo que a falta de controle do sujeito sobre essas duas

instâncias – inconsciente e ideologia – é o que afeta e determina esse sujeito. É um eixo da história/ideologia que está relacionado com as contradições históricas e ideológicas constitutivas dos discursos.

Reforço esse olhar para a linguagem como um saber - saber tenso e conflitante por transitar entre a complexa interrelação língua – sujeito – ideologia a qual é materializada no discurso. Ao mesmo tempo, um saber que trabalha diretamente com a questão da interpretação enquanto gesto e com os sentidos enquanto produção sócio-histórico-ideológica, fazendo deste um saber sempre incompleto, com sentidos não únicos e estáveis, mas móveis e deslizantes, ou seja – um saber que não se sabe. Este movimento tenso e opaco entre língua – sujeito – ideologia, faz com que o analista de discurso caminhe sempre no fio da navalha entre as diferentes fronteiras do saber que envolvem o seu objeto de análise. No caso deste estudo, caminhar no fio da navalha envolve transitar entre a opaca e não transparente relação entre corpo-mídia-sociedade – adolescência – escrita. No entanto, é este movimento que faz dos meus gestos de interpretação enquanto analista (através da leitura da escrita dos adolescentes) na relação com os gestos de interpretação dos adolescentes (através da escrita da leitura da peça publicitária em questão) gestos sempre provisórios, reveladores da nossa condição de sujeitos-em-constante-construção.

Compreendo interpretação, neste artigo, em uma perspectiva discursiva, ou seja, como um gesto revelador das possibilidades e dos limites do sujeito e da língua ao lidar com os sentidos. Logo, a interpretação é vista como um sujeito agindo na/pela linguagem: ora concordando, ora discordando, mas sempre construindo sentidos com as possibilidades e limites inerentes à língua e a sua condição de sujeito. Nesse sentido, Orlandi (1996, p. 22) vê a interpretação como “um gesto que decide a direção dos sentidos, decidindo assim, sobre a direção do sujeito”. Assim, a interpretação também tem na incompletude sua marca maior, ou como nas palavras de Garcia (2003) “tudo não pode ser dito, e o que pode ser dito não pode sê-lo de qualquer maneira” (p. 127). Aqui, percebo que esse gesto de interpretação não é um gesto qualquer; ele é sempre marcado pela formação discursiva, logo ideológica, na qual o sujeito vem se inscrevendo/sendo inscrito ao longo da história. Essa inscrição do sujeito na história dá-se através da ideologia, ou seja, segundo Pêcheux & Fuchs (1975), é trabalho da ideologia interpelar indivíduos em sujeitos. No entanto, essa interpelação segundo os autores, não ocorre de maneira abstrata, mas “sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica

da luta de classe um papel necessariamente desigual na produção e na transformação das relações de produção” (p. 167). Essas formações ideológicas que, a meu ver, trabalham no sentido de agrupar posicionamentos ideológicos semelhantes (mas que no cotidiano, devido à fragmentação e à dispersão do sujeito, podem tornar-se heterogêneas e conflitantes), relacionam-se diretamente à noção de formações discursivas. De acordo com Pêcheux (1988), uma formação discursiva caracteriza-se como “aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode ser dito” (p. 160), ou ainda, nas palavras de Indursky (1997, p. 160), “o que não pode ser dito e também o que pode, mas convém que não seja dito”. Nesse sentido, “as formações discursivas representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (INDURSKY, 2000, p. 71), vislumbrando-se aí o imbricamento da noção de formação discursiva com a noção de ideologia. Logo, essas formações discursivas também se encontram marcadas pela heterogeneidade oriunda de um sujeito constitutivamente fragmentado e disperso. Entendo assim, que, enquanto sujeitos, nosso dizer sempre está vinculado a formações discursivas que marcam esse dizer, possibilitando que esse ocorra de certas maneiras e não de outras. Logo, esse dizer nunca é totalmente livre e autônomo, ele constitui-se entre as possibilidades e os limites inerentes às noções de formações discursiva e ideológica.

2. Escutando discursivamente a escrita de quatro sujeitos adolescentes

Início esta seção, analisando a seguinte sequência discursiva, retirada da escrita de uma adolescente de 14 anos:

Essa propaganda me traz à mente o estereótipo de beleza que foi criado em meio a sociedade, porque magreza não é sinônimo de saúde, então podemos dizer que não é pelo fato da pessoa ser gorda ou ter um peso um pouco mais elevado, que ela irá ser uma pessoa que não é saudável. A população ultimamente está fazendo uma corrida apressada atrás da magreza, pois muitos acham que ela será o auge da saúde e o melhor estilo de vida, uma prova contra isso é a anorexia e a bulimia (...). [sic.]

Encontra-se, simbolizado nessa sequência discursiva, um movimento de ‘inclusão’ [incluir-se] – ‘exclusão’ [excluir-se] nos gestos de interpretação da adolescente frente aos sentidos de corpo construídos pela peça publicitária. A inclusão é revelada pela utilização do pronome ‘me’: “essa propaganda me traz à mente (...)”, assim como pela locução verbal ‘podemos dizer’: “então podemos dizer que (...)”. Já a exclusão da adolescente revela-se pela expressão ‘em meio a sociedade’: “(...) o estereótipo de beleza que foi criado em meio a

sociedade” e na utilização do significante ‘a população’: “a população ultimamente está fazendo uma corrida apressada atrás da magreza”. O discurso [desse movimento de incluir-se – excluir-se] revelado na materialidade linguística (PÊCHEUX, 1988), deve-se a uma característica da adolescência de estar procurando situar-se no mundo, momento em que ocorre o processo de separação [dos significantes], voltado aos pais, existindo um questionamento em relação ao lugar ocupado por essa adolescente na sociedade. Outro gesto de interpretação, enquanto analista, diz respeito à utilização do ‘não’: “(...) porque magreza não é sinônimo de saúde.” Esse ‘não’, neste caso, assume um sentido de denegação que, de acordo com Bergeret (2006), envolve um mecanismo de defesa em que o representante pulsional incômodo não é recalcado, mas o sujeito depende dele, recusando-se a admitir que possa se tratar de uma pulsão que o atinja pessoalmente. Com isso, uma representação pode tornar-se consciente sob a condição de que sua origem seja negada. Logo, uma denegação assume um sentido de uma afirmação, como se o sujeito estivesse enunciando: ‘na verdade é X, mas eu não tenho o menor desejo em admitir essa ideia’, assim como ocorre no enunciado: “magreza ‘não’ é sinônimo de saúde”. Pergunto: qual é o imaginário de beleza criado em meio à sociedade? Magreza ‘é’ sinônimo de saúde. Existe também a caracterização do tipo de corrida, simbolizada na escrita dessa adolescente através da utilização do adjetivo ‘apressada’, reforçando, de certa forma, o tipo de corrida feita pela sociedade atrás da magreza. Existe um efeito de sentido, construído aqui, que remete, de certa forma, a uma ‘competição’ em que a sociedade corre e terá como prêmio a ‘magreza’ – “o auge da saúde e o melhor estilo de vida”. No entanto, a adolescente questiona esse prêmio a ser recebido, quando utiliza a preposição ‘contra’, fazendo surgir, em sua escrita, o discurso da saúde através de um alerta em relação a duas doenças que envolvem a [auto] imagem do corpo [principalmente em adolescentes]: “uma prova contra isso é a anorexia e a bulimia”. É como se a adolescente levantasse as seguintes questões para o sujeito leitor: que tipo de prêmios são esses [anorexia e bulimia]? Será que vale a pena consegui-los?

Agora, passo a analisar uma outra sequência discursiva, retirada da escrita de uma adolescente de 16 anos:

A fita métrica é como se fose um elevador, onde o peso/medidas sobem e descem. Como se fose uma cascavel (cobra) que põe medo nas pessoas. Pode ser a melhor amiga da mulher, onde ela, a fita métrica, nunca vai mentir se você está gorda ou não. Olhando rapidamente, pode significar uma cobra que quer se enrolar em você e te sufocar... . [sic.]

Nessa sequência acima há um lapso relacionado à escrita do ‘foce’ onde ocorreu uma permuta dos dois ‘s’ por ‘c’. Como analista de discurso, o meu objetivo é gerar possíveis gestos de interpretação para esta ‘falha’, cicatriz da língua e do sujeito (RICKES, 2002), ou seja, que sentidos inconscientes este adolescente deseja revelar na língua. Duas possibilidades me ocorrem: ‘foce’ como sentido de ‘foice’ = objeto cortante e ‘foce’ = fosso do elevador, por exemplo. Esses dois sentidos possíveis para esse lapso, remetem à seguinte reflexão: o que esta adolescente, inconscientemente, gostaria de cortar da sua vida? O subir e o descer das medidas revelados pela fita métrica? É importante mencionar aqui que uma outra possibilidade para a grafia do ‘foce’, encontra-se na não apreensão da ortografia do ‘fosse’ por parte desse adolescente. Em seguida, a adolescente atribui dois sentidos possíveis para o significante ‘fita métrica’, como uma ‘cascavel (cobra)’ que gera medo, evidenciando aqui com o significante cobra entre parênteses que não se trata de uma ‘pessoa cascavel’, evitando com isso que o sujeito leitor deslize o sentido, ou ‘melhor amiga’ que nunca vai mentir se você está gorda ou não. Aqui, percebo o valor atribuído ao olhar do Outro/externo [cascavel e melhor amiga], como um atestado de verdade que é conferido por esse externo quando se trata de questões de peso/medida. Também, a adolescente deixa ambíguo o que pode significar “uma cobra que quer se enrolar em você e te sufocar...”: a fita métrica enquanto cascavel/cobra ou enquanto melhor amiga? Ao simbolizar ‘melhor amiga da mulher’ essa adolescente também situa o feminino em um *locus* potencializado de peças publicitárias que exploram o corpo. Existe também, um deslizamento de sentido (PÊCHEUX, 1975) em relação ao significante ‘sufocar’: da ação de perder a respiração, asfixiar, o sentido desliza para enquadrar, padronizar, formatar o corpo, sendo que a adolescente diz ‘olhar rapidamente’ para esta situação. Mas por que ‘olhar rapidamente’? Será pelo medo de sentir-se sufocada [enquadrada, padronizada] pela fita métrica/cobra social? Ratifico aqui, as palavras de Pêcheux (1988), para quem "o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante)" (p. 160). Assim, é somente no jogo de interpretação desses significantes que os sentidos emergem, sendo durante esse jogo, por os participantes serem sujeitos sempre envolvidos em teias de discursos durante as suas histórias, que esses sentidos passam a se revelar como múltiplos, opacos e deslizantes.

E a adolescente encerra a sua escrita utilizando as reticências que não são vistas pela perspectiva discursiva como um lugar vazio, mas como uma lacuna significativa, ou nas palavras de Grantham (2002),

as reticências sinalizam um espaço que não parece pertencer mais ao sujeito que as produz (...) ao sinalizar seu discurso com reticências o sujeito deixa de dizer algo, mas, ao mesmo tempo, indica que esse espaço não é mais dele, e sim do seu interlocutor (p. 154).

Analiso, agora, a sequência discursiva de uma adolescente de 17 anos:

Para quase toda a população ganhar peso é loucura, e sim perder peso, emagrecer, ter uma cinturinha as mulheres e os homens aquele tanquinho e muito musculo (...). Por este mesmo motivo tantas pessoas tem medo de chegar perto de uma fita métrica ou de uma balança, pois tem medo de descobrir que estão acima de “um peso ideal”. As pessoas não devem ir pela mídia e a saúde deve vir em primeiro lugar (...) mas é o que mais acontece é as pessoas deixarem se influenciar pela maioria e pela mídia. Estragando assim a própria vida. [sic]

O primeiro aspecto que chama a atenção na escrita dessa adolescente é a utilização da expressão ‘quase toda a população’. Aqui, a adolescente modaliza o sujeito do enunciado, afirmando que não é toda a população que pensa que ganhar/perder peso é loucura. Em seguida, encontro uma ambiguidade gerada a partir do significante ‘loucura’. A partir do registro do real, que remete à falta constitutiva do sujeito e da língua, a adolescente deixa opaca a ideia do que vem a ser loucura: o ganhar ou o perder peso? Essa opacidade ocorre por sermos expostos cotidianamente por peças publicitárias que ora nos convidam a perder peso [a partir dos spas, por exemplo] e ora a ganhar peso [a partir dos restaurantes *fast food*, por exemplo]. Aqui, percebo uma contradição histórica em função dos diferentes discursos com os quais interagimos enquanto sujeitos ao longo da nossa história. Segundo Pêcheux (1988), toda contradição é constitutiva da linguagem, sendo que o trabalho da ideologia está na tentativa do apagamento dessa contradição sócio-histórica da linguagem e do sujeito, tentando imprimir aí, um caráter de naturalidade, de neutralidade e de transparência.

Já quando a adolescente afirma, no enunciado seguinte, que ‘por este mesmo motivo tantas pessoas tem medo de chegar perto de uma fita métrica ou de uma balança, pois tem medo de descobrir que estão acima de “um peso ideal”’, está esclarecendo o que é considerado loucura para quase toda a população: o ganhar peso. Coloca aspas na expressão ‘peso ideal’ para questionar, de certa forma, o ideal de peso na sociedade contemporânea. Questiona, a seguir, o discurso da mídia em relação ao corpo ideal e introduz o discurso da saúde,

explicitando uma preocupação com a anorexia e afirmando que a saúde deve vir em primeiro lugar. E, no final da sua escrita, a partir da conjunção ‘mas’, nega o que propôs acima para a sociedade [não considerar o discurso da mídia nem a aparência e considerar a saúde em primeiro lugar], afirmando que ‘o que mais acontece é as pessoas deixarem se influenciar pela maioria e pela mídia’. Aqui, percebo o forte apelo dos contextos sócio-históricos e ideológicos da mídia e da sociedade para o sujeito na apreensão do discurso do que é um corpo ideal. Reforço aqui, as palavras de Orlandi (1999), para quem o trabalho da ideologia “é produzir (1) a evidência de sentido, apagando seu caráter histórico e (2) a evidência do sujeito, apagando as interpelações que lhe são constitutivas” (p.46).

‘Estragando assim a própria vida’ é o enunciado que termina a escrita dessa adolescente. Focando no significante ‘estragar’ = danificar, deteriorar, percebo que a adolescente ratifica aqui, que o assujeitamento do sujeito frente aos saberes da formação discursiva da mídia, pode levá-lo a danificar, a deteriorar a própria vida.

A seguir, finalizo analisando a sequência discursiva de uma adolescente de 16 anos:

Com essa propaganda pode-se perceber com a frase: “Ganhar peso provoca alucinações”, que as pessoas mais gordinhas sentem-se tristes, e começam a pensar em coisas ruins, tem medo de se pesar ou de saber de suas medidas. [sic]

Sem utilizar modalizador algum, essa adolescente inicia sua escrita, afirmando que ‘pessoas mais gordinhas sentem-se tristes (...)’, gerando um efeito de sentido universal, ou seja, como se todas as pessoas acima do peso tivessem essas mesmas sensações. Também, a adolescente propõe uma relação entre pessoas acima do peso com sentimentos de tristeza, pensamentos ruins e medo, gerando um efeito de sentido de naturalização, como se somente as pessoas acima do peso tivessem esses sentimentos. Logo, existe um silenciamento aqui, que, de acordo com Orlandi (1997), “não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante” (p. 23), gerando um efeito de sentido de que as pessoas não gordinhas sentem-se felizes e começam a pensar em coisas boas, têm coragem de se pesar ou de saber de suas medidas. É como se existissem duas escritas: uma simbolizada para as pessoas gordinhas, escrita essa que envolve sentimentos de tristeza, e uma outra escrita silenciada, porém, que também gera sentido, escrita destinada às pessoas não gordinhas e que envolve sentimentos de felicidade. Essa dicotomia trazida pela adolescente através do registro do simbólico e do silêncio, gerando um sentido possível de que pessoas gordinhas = tristes e pessoas não gordinhas = felizes, reforça, de certa forma, a ideologia da mídia a partir da peça publicitária

– ‘ganhar peso provoca alucinações’ e ‘não ganhar peso provoca tranquilidade’. A ideologia da mídia reforçada pela adolescente é materializada na escrita/na imagem [da peça publicitária e da adolescente] ao querer levar o sentido desses enunciados, de acordo com Pêcheux (1988), para o lugar da cristalização, da naturalização, da obviedade, do ‘sentido-lá’.

Considerações finais

As análises mostraram que os mecanismos de produção de sentidos no interior da escrita dos adolescentes estão relacionados às diferentes contradições sócio-históricas e ideológicas sobre o conceito de corpo que circulam socialmente, fazendo serem marcadas na escrita algumas cicatrizes, marcas dessas contradições. Uma outra conclusão é que os adolescentes relacionaram a temática ‘corpo’ a duas outras – ‘mídia’ e ‘sociedade’ - fazendo aí, aparecerem também diferentes contradições em relação a esse tripé. Atentando para os efeitos de sentidos gerados na escrita desses adolescentes e retomando a pergunta que esteve constantemente permeando este estudo – ‘ganhar peso provoca alucinações?’ – posso dizer que a resposta foi plural e multifacetada, evidenciando a força das contradições dos contextos sócio-histórico e ideológico na produção da linguagem e das identidades desses adolescentes. Também percebi a escrita dos adolescentes sendo marcada pelo registro do simbólico, uma vez que todos os adolescentes, pela escrita, demonstraram que estão envolvidos na cadeia de significantes, ora mais fortemente pelo registro do imaginário, quando mostraram um conceito de corpo excessivamente idealizado e ora marcada pelo registro do real, quando a linguagem dos adolescentes [e logo, eles também] demonstrou não ser suficiente para esses sujeitos simbolizarem o seu desejo, aparecendo então algumas cicatrizes nas suas escritas.

Trago agora as palavras de Indursky (2011, p. 03-04), quando diz que “trabalhar os efeitos de sentido que a mídia aponta como sendo ‘o’ sentido, único e verdadeiro, é um dos papéis cruciais que os Estudos da Linguagem/Análise do Discurso podem assumir. Tais estudos podem ajudar a formar leitores críticos (...)”, leitores esses ancorados mais no registro do simbólico e nas trocas simbólicas, questionando, dessa forma, o imaginário de corpo ideal apresentado pela mídia. Logo, o grande desafio que me instiga enquanto educador/profissional da linguagem/analista do discurso é o de construir juntamente aos sujeitos leitores/escritores mecanismos de questionar a evidência de diferentes enunciados ‘ganhar peso provoca alucinações’, transformando-os definitivamente em enunciados interrogativos – ‘ganhar peso provoca alucinações?’. Penso que este movimento deva ocorrer

pela constante discussão com os sujeitos adolescentes sobre a constituição sócio-histórica e ideológica dos sentidos da/na língua e deles mesmos enquanto leitores/escritores. Percebo que é apenas a partir desta via – do fazer uma escuta discursiva apurada dos seus discursos e dos discursos que circulam socialmente – que teremos sujeitos leitores/escritores mais críticos.

Recebido em: julho de 2015
Aprovado em: maio de 2016

rubenspra@ig.com.br

Referências bibliográficas

BERGERET, J. **Psicopatologia: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GARCIA, T. M. A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica. In: **Working Papers em Linguistics**, n. 7, Florianópolis: Ufsc, 2003, p. 121-140.

GRANTHAM, M. **Da releitura à escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação**. Tese de doutorado. Porto Alegre: Ufrgs, 2002.

INDURSKY, F. Qual o papel do estudo científico da linguagem em uma sociedade fundamentalmente midiática? In: **Entremeios: Revista de Estudos do Discurso**. v.2, n.1, jan/2011.

_____. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, F. & CAMPOS, M. do C. (org.). **Discurso, memória, identidade**. Ensaios 15. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 70-81.

_____. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

LEANDRO FERREIRA, M^a. C. A língua da análise do discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M.C. (org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

_____. Análise de discurso e psicanálise: uma estranha intimidade. In: **Correio da APPOA**, Porto Alegre, n. 131, 2004, p. 37-52.

ORLANDI, E. **Análise do discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. **Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. **O discurso – estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

_____. & FUCHS, C. A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1975). In: GADET, F. & HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michael Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, F & HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

REVISTA UMA. n. 72. São Paulo: Símbolo, 2006, p. 65.

RICKES, S. A escritura como cicatriz. In: **Educação e Realidade**. Ufrgs, Porto Alegre, n.27 (1), 2002, p. 51-71.

Anexo



**Ganhar peso
provoca alucinações.**

No Spa Recanto você encontra uma estrutura completa para relaxar e entrar em forma. A melhor maneira de perder o medo da fita métrica e ganhar saúde. Muita saúde.

Clima de clube, saúde de spa

SPA RECANTO
Saúde • Emagrecimento • Lazer

Fone: 11 4528.0200 - Cabreúva-SP - www.sparecanto.com.br

PORTAL

México responsável: Milton D. Bicalho Jr. - CRM 87814